

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 343/2015

PEQUENAS HISTÓRIAS

Político velho tem sempre histórias para contar. Duas me ocorrem neste momento, pela oportunidade do relato

A primeira tem quase 30 anos. Poucas semanas depois que eu tomei posse como prefeito do Rio, meu amigo e secretário de obras recém-nomeado, da confiança mais absoluta até hoje, Luiz Edmundo Costa Leite, me trouxe uma mensagem dos empreiteiros do Rio, enviada pelo líder deles, que era uma figura admirável e admirada por mim.

A mensagem dizia, com respeito e delicadeza, que era de praxe, havia muito, que as empresas contribuíssem para o fundo político do prefeito com uma percentagem de sete a dez por cento sobre o seu faturamento. E eles indagavam qual a percentagem que deviam considerar e como eu queria que fizessem isso. Eu respondi, também respeitosa e delicadamente, que eu ia quebrar a praxe e não ia aceitar nenhuma contribuição sistemática deles, que eles reduzissem os preços das obras naquele percentual, mas que, quando chegasse a hora da campanha pela minha sucessão, eu lhes pediria uma ajuda para o meu candidato, como sabia que haviam contribuído para a minha própria campanha. Como não tive candidato à sucessão, não os procurei.

O importante a ressaltar aqui é que a mensagem mencionava uma praxe de muito tempo, embora alguns dos meus antecessores pudessem tê-la rejeitado, como eu fazia. Mas era uma praxe de muito tempo, em fevereiro de 1986! E eu me lembrei da insistência do senador Pedro Simon, desde anos antes, em propor a criação de uma CPI para investigar as denúncias de atividades corruptoras das empreiteiras no Brasil, a chamada CPI das empreiteiras que nunca foi instalada. Até a presidência de Dilma Rousseff.

A outra história que me ocorre se passou há pouco mais de dez anos, quando eu fui designado relator do primeiro Plano Plurianual, o PPA, elaborado com o cuidado de ouvir para discutir, em encontros abertos, representantes da sociedade em todos os Estados. Sebastião Soares, outro velho e querido amigo, foi o coordenador dessa elaboração, que eu acompanhei, encantado, durante meses.

Chegando às minhas mãos a redação final do Plano, verifiquei entretanto que o planejamento financeiro para os próximos quatro anos compreendia taxas de juros muito elevadas e, naturalmente, superávits primários também elevados para fazer face às despesas com aqueles juros.

Fiquei chocado com os números, vendo neles uma ameaça grave de não se poder cumprir a realização dos vários itens importantes comprometidos naquele processo democrático de consulta ampla. O risco era de manter-se a economia deprimida como vinha acontecendo nos períodos anteriores, contrariamente ao que havíamos prometido na campanha vitoriosa. E, como relator, responsável pela apreciação a ser apresentada ao Congresso, achei que devia modificar aqueles números, propondo uma redução viável, não muito grandes, naqueles juros e superávits. E mostrei ao nosso líder, Aloísio Mercadante, antes de apresentar o relatório. Ele achou que era razoável o que eu propunha mas devia consultar o Governo.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 343/2015

No dia seguinte, me respondeu que não era possível; que aqueles números do Plano constituíam um compromisso político e eram inarredáveis. Compreendi, era coisa do Meireles, o Joaquim Levy de então, e aceitei. Só pedi que ele designasse outro relator, que eu não queria pôr minhas impressões digitais naqueles números. Assim foi feito, eu até votei a favor do novo relatório com aqueles juro, não criei nenhum caso. A Política é mais importante.

Houve críticas, alegando que nós estávamos mantendo a mesma política econômica do FHC, o que não era verdade: a política monetária era de fato muito semelhante, mas não as outras dimensões da política econômica: o fim do privatismo, a retomada do planejamento, a presença do Estado, o desenvolvimentismo das estatais, a distribuição de renda, a valorização do trabalho, o assentamento de trabalhadores sem-terra, o alargamento do mercado externo, a aliança da América di Sul, uma série de fatores que fizeram a economia redinamizar-se e o Governo Lula terminar com grande aprovação. O Brasil repontou como único país no mundo que crescia economicamente e reduzia bastante a concentração de renda, cada vez mais injustamente concentrada em todos os continentes. E eu fiquei feliz com a compreensão que tinha tido.

A propósito, ambas as histórias.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br